

-2 JAN 1997

Bons ventos

CORREIO BRAZILIENSE

Há muito o que festejar nos trinta meses de Plano Real. A economia acha-se estabilizada. A inflação, pela primeira vez, está abaixo de 10%. Persistem focos inquietantes na contabilidade pública mas esses não chegam a comprometer o sucesso do programa de estabilização da economia. Novas faixas de cidadãos foram incorporadas ao consumo. Quem não consumia passou a consumir e quem pouco consumia começou a comprar mais. Essa mudança pode ser medida nas vendas recordes de milhões de geladeiras, aparelhos de TV e som, máquinas de lavar, fogões e fornos micro-ondas. As taxas de juros elevadas, o grande espantinho dos investidores, caíram à metade em 1996, comparado com 1995, e deverão continuar a cair em 1997 para cerca de 14% ao ano, de acordo com o Departamento de Economia da Confederação Nacional da Indústria.

As empresas nacionais e estrangeiras já entenderam que os rumos da política econômica não deverão ter nenhuma reviravolta e estão dando um crédito de confiança ao governo. No ano passado, os investimentos anunciados por essas empresas chegaram a US\$ 130,6 bilhões, um aumento 40,43% em relação ao ano anterior. Segundo estudos feitos por técnicos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, serão investi-

dos em infra-estrutura quase US\$ 100 bilhões, entre 1996 e 1999. Desse total, pelo menos 80% deverão vir do setor privado.

É claro que nem tudo são flores. E nem poderia ser diferente, já que o Brasil está passando por profundas e radicais transformações. O número de falências cresceu assustadoramente. O desemprego atingiu níveis recordes. Para garantir preços de alimentos estáveis, a agricultura foi forçada a amargar a maior perda de renda de sua história. O importante, entretanto, é que a maior parte dos indicadores apontam para uma reativação da economia brasileira neste ano e nos próximos.

Algumas empresas de consultoria e bancos estão projetando um déficit na balança comercial deste ano da ordem de US\$ 6 bilhões, mas há também quem aposte que será de aproximadamente US\$ 8,2 bilhões, podendo chegar a até US\$ 12,6 bilhões. Um déficit de US\$ 6 bilhões poderia ser resolvido sem maiores problemas. Mas um de US\$ 8,2 bilhões forçaria o governo a conter o consumo e a frear as importações.

Para fazer frente a esse tipo de problema, o governo estuda a concessão de novos estímulos às exportações. Se a situação se agravar, sempre restará o recurso à contenção das importações. Ou seja, nada que implique perda de controle sobre a economia.